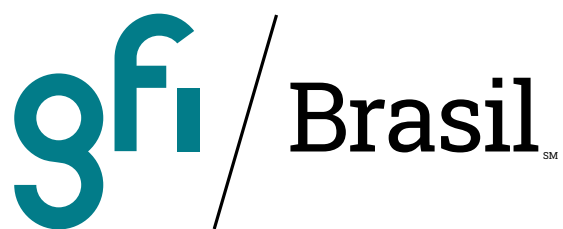




gfi
Brasil™

Relatório Trienal The Good Food Institute Brasil: 2018 - 2020



Sumário

- 1.**
The Good Food Institute: por um sistema de produção de alimentos mais seguro, justo e sustentável **3**
- 2.**
Brasil: o país das alternativas **10**
- 3.**
Muito o que celebrar, mas este é só o começo! **14**
- 4.**
Ajudando a construir a Indústria de Proteínas Alternativas **15**
- 5.**
Fortalecendo o ecossistema de pesquisa em proteínas alternativas **21**
- 6.**
Iniciando o engajamento na formulação de políticas públicas **25**
- 7.**
Junte-se a nós! **29**



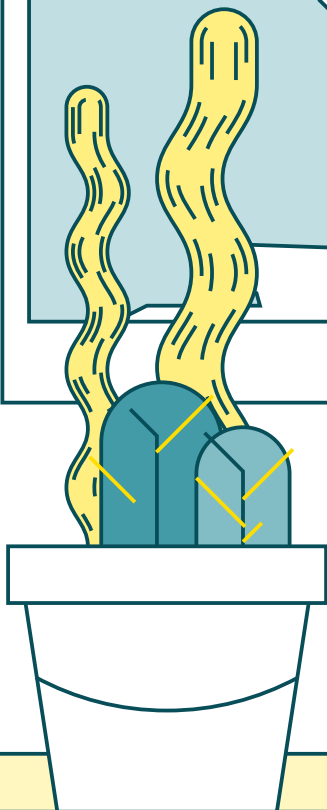
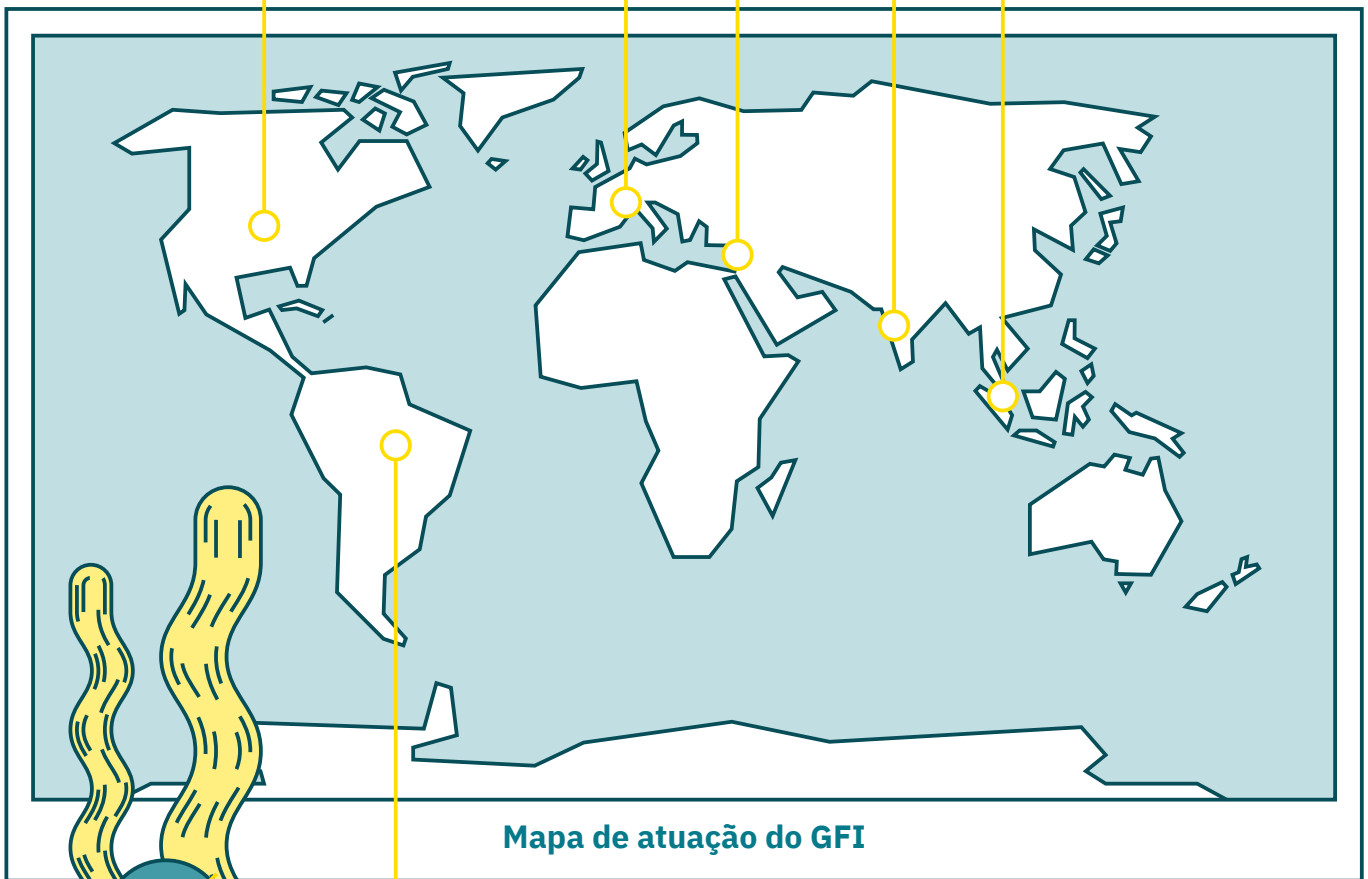
USA

Europa

Israel

Índia

Ásia-Pacífico



BRASIL



THE GOOD FOOD INSTITUTE

1. The Good Food Institute

Somos uma organização global sem fins lucrativos que trabalha para transformar a cadeia de produção de alimentos. Temos equipes nos Estados Unidos, Brasil, Israel, Índia, e países da Europa e da região Ásia-Pacífico. Apoiamos o

desenvolvimento do setor de proteínas alternativas, especialmente o mercado de carnes, ovos, e produtos lácteos vegetais, cultivados ou obtidos por meio de fermentação. Organizamos o nosso trabalho em três áreas programáticas:

Engajamento Corporativo



Apoiamos a indústria de alimentos e de ingredientes, restaurantes e varejistas no desenvolvimento, aprimoramento e distribuição de produtos a base de proteínas alternativas. Auxiliamos startups e investidores na elaboração de planos de negócios, financiamento, comunicação, comercialização e regulação, além de produzir dados e informações relevantes para o mercado.

Ciência e Tecnologia



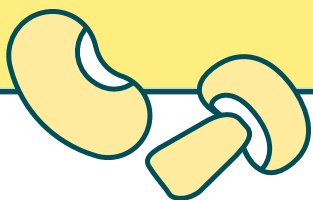
Trabalhamos para desenvolver, financiar e promover o conhecimento científico envolvido na produção de carnes, ovos e produtos lácteos feitos à base de plantas, cultivados a partir de células ou obtidos por fermentação. Promovemos a capacitação de profissionais e a disseminação do conhecimento técnico e científico associado às áreas de proteínas alternativas.

Políticas Públicas

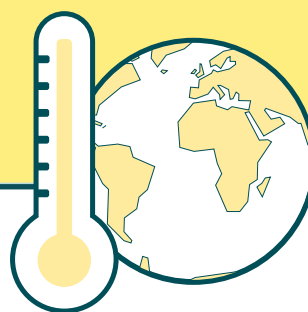


Atuamos diretamente com agentes de governo e formuladores de políticas públicas, além de fomentar a comunicação entre o governo e os agentes de mercado, para assegurar que o marco regulatório vigente permita o desenvolvimento pleno do setor de proteínas alternativas no Brasil.

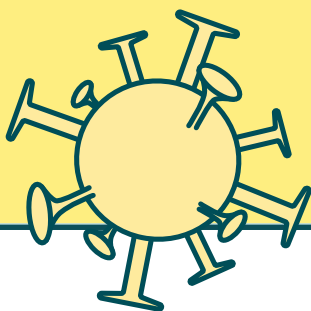
Com esse trabalho, buscamos soluções para resolver quatro grandes desafios atuais:



Alimentar de forma segura, justa e sustentável quase dez bilhões de pessoas até 2050.



Conter as mudanças climáticas provocadas pelo atual sistema de produção de alimentos.



Reduzir a contribuição do setor de alimentos no desenvolvimento de novas doenças infecciosas, algumas com potencial pandêmico.



Criar uma cadeia de produção de alimentos que não dependa de animais.

1.1 GFI no Brasil

Chegamos ao Brasil em fevereiro de 2017 e, desde então, estabelecemos uma ampla rede, envolvendo de forma sinérgica os diferentes atores presentes no setor de proteínas alternativas do país.



Nos conectamos aos principais gestores, reguladores e fiscalizadores no Governo Federal e, em nível regional, atividades com foco no **Cerrado** e na **Amazônia**;

> Acompanhamos as atividades legislativas, a fim de garantir um ambiente de negócios **sustentável, justo, atrativo e competitivo**;

> **Mapeamos, conectamos e financiamos** pesquisadores em instituições científicas de alta relevância;

> Oferecemos material de **orientação e conexão** com investidores para empreendedores e startups;

> Criamos um **relacionamento produtivo** com os setores de proteínas alternativas dentro das grandes corporações, incluindo as maiores empresas de proteína animal do país;

> Mantemos um fórum com reuniões regulares envolvendo as **principais empresas** dos diferentes negócios da indústria.

> Por fim, criamos **informações únicas** sobre o consumidor e o mercado brasileiros através de pesquisas de mercado.

1.2 Nossa História

Como é que o país do churrasco e da feijoada se tornou uma potência do setor de proteínas vegetais? Essa é a história que, de alguma forma, vamos contar nesse documento. Mas ele não se limita a ser um relatório de mercado, nem de números sobre o setor: hoje estamos aqui para falar do GFI. Em primeiro de fevereiro de 2016, há pouco mais de cinco anos, nosso instituto começou suas atividades nos Estados Unidos e - acreditem, por coincidência - exatamente um ano depois foi fundado o GFI Brasil. Ainda somos uma organização muito jovem, porém bastante impactante. Eu sinto segurança em dizer que nosso trabalho influenciou o mercado brasileiro de forma muito positiva e acelerou o ritmo de desenvolvimento dessa indústria, que agora conquista o mundo pelas mãos de nossos talentosos parceiros. Como não poderia deixar de ser, começamos pelo começo. No nosso caso, isso significou divulgar o setor.

Nosso objetivo nesta primeira fase era criar alguma coisa, ainda que incipiente, para servir de exemplo para o mercado e provar que era possível, lucrativo, interessante.

Tentamos trazer empresas de outros países para cá, ajudar na formação de grupos importadores, licenciar tecnologias e várias outras rotas que se mostraram incapazes de criar um caso sólido para o mercado.

Ainda havia muita resistência por parte da indústria tradicional, pouco ânimo nos fornecedores de ingredientes e quase nenhuma tecnologia disponível para atender especificamente essa área. No entanto, já haviam empresas vegetarianas no setor, que nos receberam muito bem e abriram diversas portas, assim como as empresas de leites e laticínios vegetais. Também recebemos ajuda das ONGs que já estavam estabelecidas no país e de muitos profissionais da área.

Estando conectados com o ecossistema industrial local, foi questão de tempo até os primeiros projetos começarem a tomar forma. Os primeiros produtos de nossos parceiros começaram a ser lançados apenas dois anos depois de nossa chegada. Rapidamente esse setor chamou a atenção de pessoas em todas as áreas e o ritmo acelerou como nunca poderíamos imaginar.

Começou, então, nossa segunda fase. Agora era hora de engajamento: estávamos trazendo a maior quantidade possível de parceiros para o setor, já com uma equipe própria se estruturando. Nesse momento, nossos três programas já estavam ativos: Engajamento Corporativo, Ciência e Tecnologia e Políticas Públicas.

O primeiro programa é focado no setor privado. Para executá-lo bem, começamos a oferecer apoio a todas as empresas interessadas em criar produtos, seja oferecendo dados, ideias de produtos, conectado com fornecedores, ajudando a remover barreiras técnicas, a aprovar projetos com a alta liderança, além de outras atividades. Depois, vieram as empresas de ingredientes, maquinários e aditivos, oferecendo um avanço muito espe-

rado na cadeia produtiva. Também apoiamos o varejo a introduzir esses produtos, conhecer produtores e aumentar a eficiência das vendas. Os investidores e startups não ficaram para trás: nossa base só cresceu e pudemos conectar diversos projetos com empresários interessados em investir. Também lançamos guias para ajudar esses empreendedores e organizamos uma série de eventos para promover as conexões nessa cadeia.

Em Ciência e Tecnologia o GFI trabalhou para avançar o campo acadêmico no Brasil. Conseguimos captar recursos para financiar algumas pesquisas locais e fizemos grandes parcerias com aqueles que já vinham liderando esse setor no Brasil, como Embrapa, Ital e diversas universidades. Falando nelas, em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), o GFI lançou a primeira disciplina de zootecnia celular no país.

Sim, já é possível aprender a fazer carne a partir de células em território nacional!

Como nem só de empresas vive o engajamento, nós conseguimos atrair dezenas de pesquisadoras e pesquisadores para nossos bancos de dados, tornando seus conhecimentos acessíveis para a indústria. O Brasil já é a segunda região que mais envia projetos para receber financiamento e também a mais presente no banco de dados global de cientistas do GFI.

Na área de Políticas Públicas também tivemos diversos avanços. Ainda em 2018 conseguimos promover o primeiro evento governamental a discutir carne cultivada em língua portuguesa, com a Agência Brasileira de desenvolvimento Industrial (ABDI) em Brasília. Pouco tempo depois, organizamos a indústria de proteínas alternativas em um grupo de trabalho da Associação Brasileira de Bioinovação (ABBI). Agora, temos frentes de trabalho abertas com o Ministério da Economia (para discutir os impostos pagos pela nossa categoria de produtos), com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e com a ANVISA (para desenvolver os processos regulatórios das proteínas alternativas e das carnes cultivadas), com a SENACON (a responsável pela proteção dos direitos dos consumidores no Brasil, agente importante ao regular um setor) e com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (para avançarmos o campo tecnológico no Brasil).

Com o sucesso dessa empreitada, o processo regulatório no Brasil segue na direção de um ambiente de negócios competitivo e favorável à inovação. Temos um relacionamento fecundo com o poder Executivo e cada vez mais aprofundamos nosso relacionamento também com o Legislativo.

Cito ainda o nosso trabalho de comunicação, que ajudou a levar nossa mensagem aos públicos mais diversos. Tivemos a honra de organizar uma reportagem junto ao Fantástico, cujo público estimado pode chegar a 50 milhões de pessoas. Fomos até uma cozinha preparar um hambúrguer (vegetal!) com o jornalista André Trigueiro, da GloboNews. Participamos de diversos programas, na Record, Band, canais especializados, revistas e jornais. Nos últimos anos, fizemos a mensagem chegar a milhões de pessoas: vale a pena investir no setor de proteínas alternativas.

Nosso trabalho se pautou em construir pontes, ao invés de muros. É muito fácil ver o produtor de alimentos de origem animal como inimigo, mas essa

não foi nossa abordagem. A gente estendeu a mão e criou relacionamentos positivos com todos os agentes do setor produtivo do agronegócio brasileiro. Nossa mensagem é: não nos veja como ameaça, veja como oportunidade. O setor de proteínas alternativas só cresce e tem muito espaço para todo mundo trabalhar - a prova disso foi a entrada das maiores empresas de carne, ovos, leite e alimentos em geral. Nossa política é essa: portas abertas para todos que quiserem desenvolver uma cadeia de produção de alimentos mais segura, justa e sustentável.

Embora sejamos uma organização jovem, esse foi só o começo! A partir de agora abrem-se novas possibilidades para o setor e nosso crescimento será constante. Neste ano, o GFI segue desenvolvendo seu trabalho de sempre e ainda começa a focar em novos projetos, como por exemplo a frente de biodiversidade, que vai estimular o uso de ingredientes dos biomas brasileiros na indústria de proteínas alternativas. Podem, inclusive, esperar um novo edital de apoio à pesquisa científica focado nesse tema! Também é momento de intensificar o trabalho junto ao produtor rural. Queremos garantir que nosso setor vai crescer sem deixar ninguém para trás, servindo como uma nova fonte de renda para os produtores brasileiros. Também é o momento de intensificar ainda mais o trabalho com carnes cultivadas e fermentação - duas tecnologias que prometem transformar o mundo das proteínas alternativas.

Nosso time já conta com 12 pessoas, todos profissionais competentes e cheios de paixão por transformar a cadeia de produção de alimentos para melhor! Se você atua ou quer atuar nessa área, conte conosco! Antes de encerrar, ainda ficou uma pergunta sem resposta: como o país do churrasco e da feijoada se tornou uma potência do setor de proteínas vegetais?. A resposta é simples: o Brasil se tornou uma potência em proteínas alternativas, já exportando para mais de 15 países, porque nós temos tudo o que é necessário para isso!

Temos empreendedores cheios de determinação, investidores estratégicos, as maiores empresas de carnes e alimentos, clima favorável, produção vegetal constante, biodiversidade única e, claro, alguns dos melhores cientistas do globo. Só o país da carne será capaz de liderar o mundo para criar a carne do futuro! Nós já somos protagonistas no agronegócio mundial e daqui para frente esse papel só vai crescer, pois o Brasil seguirá investindo para liderar também novas tecnologias, como as de proteínas alternativas. Seja onde for que você estiver lendo esse texto, em qualquer país, em qualquer cidade, prepare-se! Você vai acabar comendo uma carne brasileira, seja ela feita de células, de proteínas fermentadas ou de plantas.

Gustavo Guadagnini

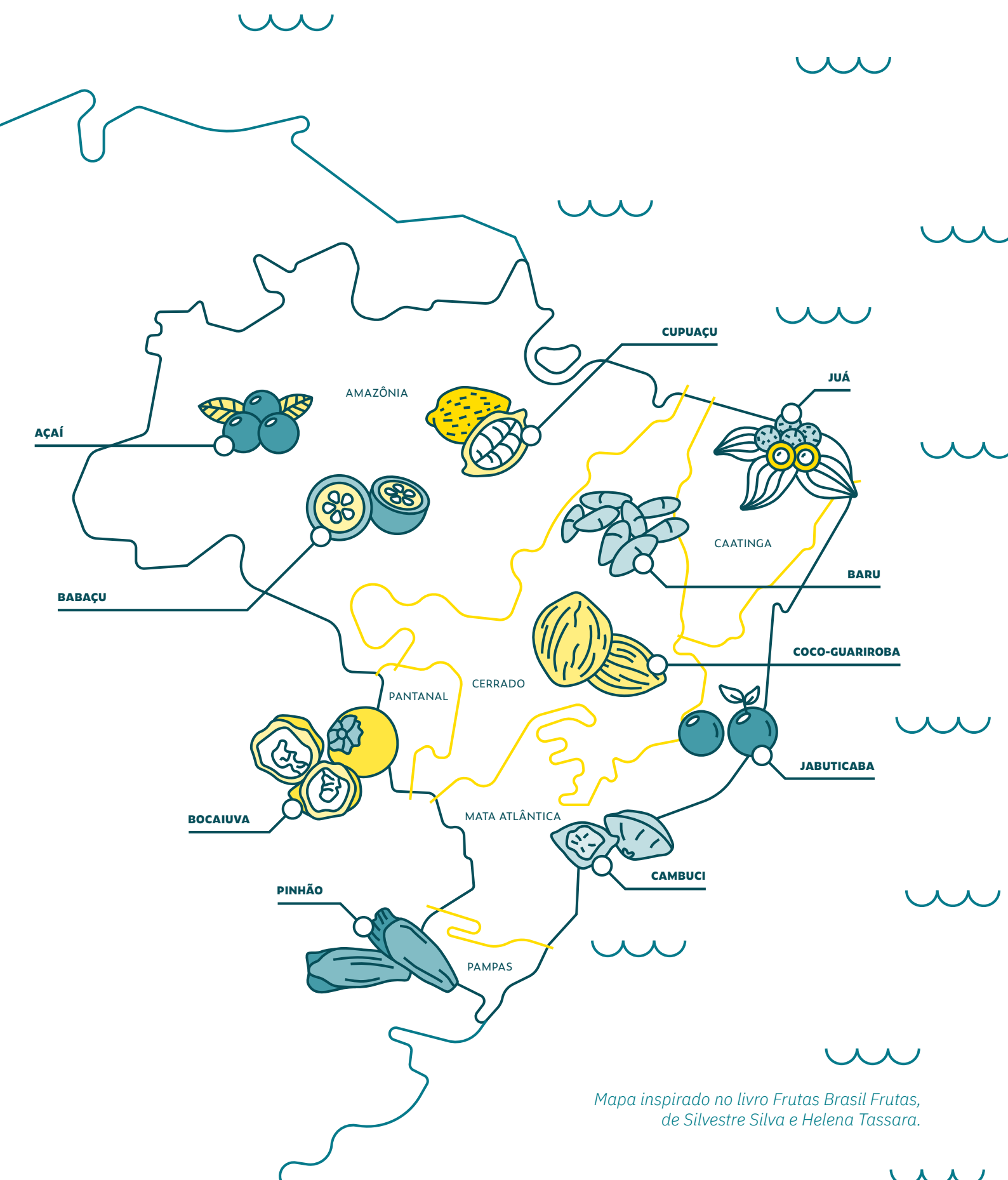
*Diretor Executivo do
The Good Food Institute Brasil*

Confira o TED "A revolução no seu prato"

"Lista GQ: 25 Pessoas que podem mudar o mundo"



Estadão
Pandemia revela
um dos grandes
desafios da
humanidade:
como vamos
alimentar quase
10 bilhões de
pessoas até
2050?



Mapa inspirado no livro *Frutas Brasil Frutas*, de Silvestre Silva e Helena Tassara.

BRASIL: O PAÍS DAS ALTERNATIVAS

O Brasil é um país fundamental para a indústria global de alimentos, especialmente em relação ao consumo e à exportação de proteína animal. Para se ter uma ideia, de acordo com dados da consultoria Rabobank, em 2020 foram produzidas cerca de 10 milhões de toneladas de carne e exportadas cerca de 2,4 milhões. Ou seja, além de ser um grande produtor, o país também é um grande consumidor, uma vez que em torno de 80% da produção de carne atende ao mercado interno. Segundo dados do OECD-FAO, somos o segundo maior produtor, atrás apenas dos Estados Unidos, e o terceiro maior consumidor de carne bovina com 25,2 Kg ao ano, muito próximos dos primeiros lugares, EUA e China. Isso sem incluir o consumo de frango (40,3 Kg ano) e porco (12,8 Kg ano).

A tendência é que os dados sigam aumentando. A [Rabobank](#) estima que em 2021 serão produzidas 10,3 milhões e exportadas 2,6 milhões de toneladas de carne bovina. Em contrapartida, em todo o mundo começa a ganhar força o movimento do flexitarianismo, que consiste em diminuir o consumo de produtos de origem animal, sem interrompê-lo completamente. Um dos principais motivos apontados pelos adeptos é a preocupação com a saúde. Um estudo da [Our World in Data](#) da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura confirma essa preocupação. Para a organização, o consumo de carne vermelha cozida não deveria ultrapassar 300g por semana (42,8g por dia), pois se ingerida em excesso facilita o desenvolvimento de alguns tipos de câncer, como o de intestino (cólon e reto). Ainda assim, [80% dos brasileiros](#) consomem mais que o dobro disso, em torno de [88g por dia](#).

Com a nova demanda, surge a necessidade de a indústria de alimentos contribuir com a transição alimentar dos flexitarianos, dando atenção especial aos hábitos e tradições culturais, por meio de alimentos feitos a partir de proteínas alternativas vegetais, cultivadas ou obtidas por fermentação, que substituem e/ou mimetizam a experiência sensorial dos alimentos de origem animal.



Alimentos vegetais ou feitos de plantas (também conhecidos como plant-based), como o próprio nome já diz, são produzidos **apenas com matéria prima de origem vegetal**. Dentro deste segmento, existe uma linha de produtos proteicos que buscam agregar sensorialidade similar aos produtos de origem animal como cor, sabor, aroma e textura. Para isso, são utilizadas tecnologias de processamento de alimentos como extrusão, emulsificação, mistura, cozimento, secagem, resfriamento e congelamento, a fim de obter análogos de carne, leite, ovos e pescados.

A **carne cultivada** é obtida por meio de uma tecnologia chamada **cultivo celular**, que permite produzir carne pela multiplicação de células fora do animal. Desta forma, é possível obter carne sem criação ou abate de animais. O processo envolve a retirada de uma célula do animal vivo, multiplicação das células em um meio nutritivo e estruturação dos tecidos em biorreatores com parâmetros controlados.

A **fermentação** utiliza fungos, bactérias, micélio, microalgas e outros microrganismos como plataforma de **bioprodução de alimentos**. A tecnologia já é utilizada para fazer cerveja e pão fermentado, por exemplo.

The New York Times**Brazil Is Famous for Its Meat. But Vegetarianism Is Soaring**
(O Brasil é famoso por sua carne. Mas o vegetarianismo está crescendo)

Flexitarianismo no Brasil

Por aqui o número de flexitarianos também cresceu. De acordo com o GFI Brasil, em dois anos o aumento foi de 73%, passando de 29% em 2018 para 50% em 2020. Seguindo a tendência global, o principal motivo da redução também foi a saúde, apontada por 59% das pessoas (2018).

A preocupação com a saúde se reflete no que os consumidores buscam nos produtos de base vegetal. Quantidade de proteína (35%), menos gordura (37%) e ter vitaminas, cálcio e zinco (37%) são as características nutricionais mais relevantes para os consumidores brasileiros na decisão de compra. Além disso, as características sensoriais também influenciam. Possuir sabor, aroma e textura igual ou melhor que o produto de origem animal (58%) e ser o mais natural possível (62%) são as maiores prioridades dos consumidores, seguido de perto por ter valor nutricional equiparado ou superior ao produto tradicional (59%). (GFI Brasil, 2020).

O perfil do flexitariano é composto majoritariamente por mulheres (58%) e pessoas de até 34 anos (47%). A maioria substituiu a proteína animal apenas por vegetais (47%), indicando que há bastante espaço para o mercado de análogos vegetais crescer. 59% dos entrevistados afirmaram que consomem alternativas vegetais em substituição às animais pelo menos uma vez por semana. A preferência é por consumi-las ao cozinhar em casa (62%), em casa pelo delivery (44%) ou em restaurantes e bares (34%).

Olhando para esse novo mercado, é possível ver os resultados do aumento da procura por esse tipo de produto. O Grupo Pão de Açúcar (GPA) informou que o segmento de hambúrgueres vegetais representou um terço das vendas de toda a rede em 2020. Em dois anos de existência, o mercado de proteínas alternativas passou de zero para cerca de 106 empresas e startups de proteínas vegetais operando no país.

Possíveis direcionamentos para o desenvolvimento de produtos vegetais são:

- > Entregar experiência de consumo semelhante ao produto convencional
- > Vender os produtos a um preço competitivo na categoria
- > Ser encontrado nos mesmos estabelecimentos que os análogos de origem animal
- > Entregar aspectos nutricionais semelhante ou melhores que o produto convencional
- > Ter praticidade para que se integrem ao dia a dia das refeições feitas em casa

Potencial de crescimento

E não é apenas na saúde humana que os resultados positivos dos novos hábitos de consumo podem ser sentidos. Segundo [estudo](#) realizado pela Organização Internacional do Trabalho,

a transição para uma alimentação baseada em vegetais, com diminuição significativa de produtos de origem animal, é um passo fundamental nos avanços da América Latina e Caribe em direção a uma economia com zero emissão de carbono e com mais geração de empregos.

Segundo a instituição, a adoção de alimentos vegetais cultivados com métodos agrícolas sustentáveis pode gerar 19 milhões de novas oportunidades de emprego até 2030.

No contexto brasileiro, desenvolver o setor de proteínas alternativas significa gerar mais empregos através da diversificação da matriz econômica. É também um passo em direção a processos de produção inovadores e economicamente viáveis de proteínas alternativas, que dividirão com os atuais processos de produção de proteína animal a tarefa de superar o desafio de alimentar de forma sustentável 10 bilhões de pessoas em 2050. Desenvolver novos produtos fazendo uso da rica biodiversidade brasileira, incorporando princípios da bioeconomia à cadeia de produção de alimentos pode significar suprir o mercado nacional, conquistar o mercado internacional com sabores únicos e ainda contribuir para a preservação ambiental e trazer benefícios para a economia local.

A indústria de produtos vegetais brasileira, apesar de recente, encontrou recepção bastante favorável entre os consumidores e, por isso, está em franca expansão. É esperado que continue a se desenvolver rapidamente, uma vez que existem grandes oportunidades ainda a serem exploradas no mercado.

SAIBA MAIS

**[Globo Rural](#)
[Pesquisa inédita aponta que metade dos brasileiros reduziu o consumo de carne](#)**

MUITO O QUE CELEBRAR, MAS ESTE É SÓ O COMEÇO!



5 publicações
lançadas

2179 downloads
das publicações
disponibilizadas
no site

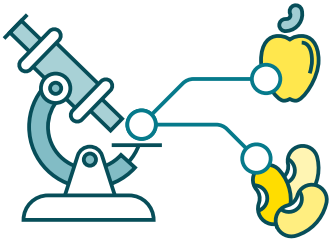
30 empresas
representadas
no GT de
Proteínas
Alternativas da
ABBI



3 financiamentos
de projetos de pesquisas
sobre proteínas alternativas

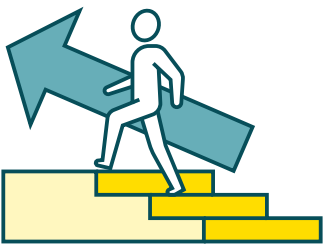


Promoção de **8** webinários
com temas técnicos
da indústria de proteínas
alternativas

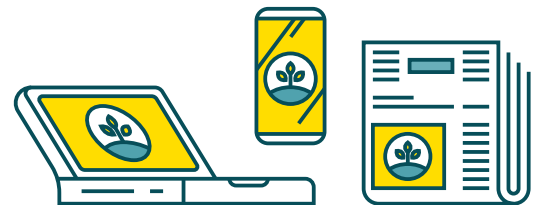


4 pitch days
realizados envolvendo
19 startups

Participação
em cerca de
148 eventos

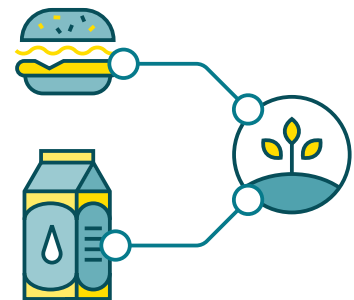


Mais de **30** empresas
e **57** startups receberam
suporte do GFI

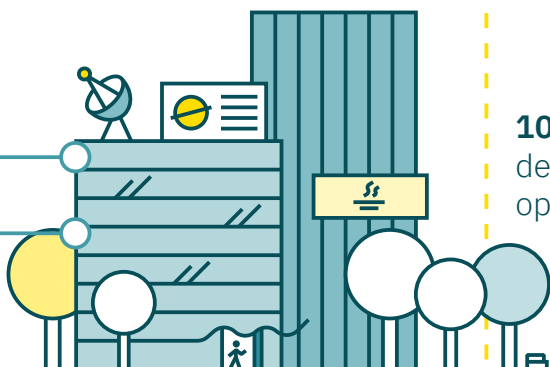


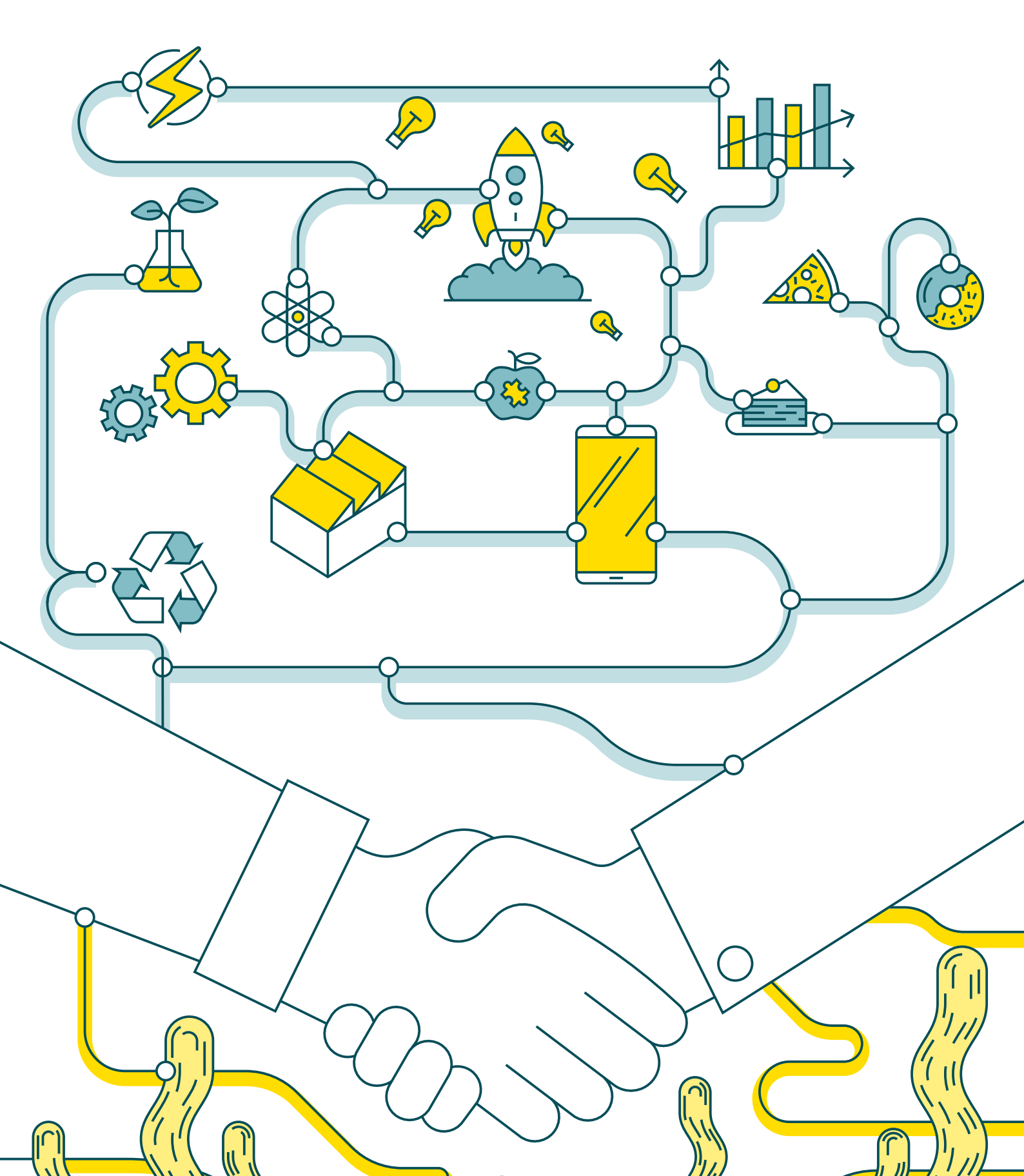
497 inserções em mídias
nacionais e internacionais,
gerando **R\$3.2 milhões**
em retorno de mídia

21 produtos
lançados a partir
de consultorias
do GFI Brasil



106 empresas
de proteínas vegetais
operando no país





**AJUDANDO A CONSTRUIR A INDÚSTRIA
DE PROTEÍNAS ALTERNATIVAS**

O trabalho do GFI com parceiros corporativos ajudou a moldar transformações importantes na indústria. Fomos a primeira entidade a defender as proteínas alternativas em um país dominado pela produção de proteínas animais. Hoje, grande parte dos produtos relevantes lançados no país deve-se a esse trabalho pioneiro.

Desde o início, temos trabalhado em parceria com as maiores empresas de alimentos do país, tais como ADM, BRF, Carrefour, Danone, Givaudan, GPA, Griffith Foods, IFF, Ingredion, JBS, Marfrig, Nestlé, R & S BLUMOS, Unilever, entre outras. Apoiamos essas empresas com informações e dados sobre mercado, consumidor, tendências e oportunidades. Todo o nosso trabalho é confidencial, mas alguns projetos públicos podem ser mencionados.

Conheça algumas dessas experiências

N.Ovo

Nossa equipe trabalhou junto ao maior produtor de ovos da América do Sul, o Grupo Mantiqueira, no desenvolvimento de um análogo vegetal para o seu principal produto. O N.OVO, primeiro ovo vegetal do Brasil, chegou ao mercado em março de 2019 e pode ser utilizado para substituir o ovo em panificação e outras massas, como bolos e macarrão. O que era apenas um produto, virou uma spinoff do Grupo e aumentou seu portfólio, lançando uma nova marca e novos produtos (uma linha de maioneses e o substituto para omeletes e ovos mexidos) no final de outubro de 2020.

As novidades da startup devem chegar aos mercados de todo o país já no primeiro semestre de 2021 e, antes disso, podem ser provadas com exclusividade no restaurante Le Manjue ou comprados diretamente no [site da marca](#).



n.ovo



“O GFI esteve junto ao N.OVO desde o início do projeto, quando era apenas um braço de foodtech dentro do grupo Mantiqueira. Foram uma parte extremamente relevante nesse processo, principalmente no que diz respeito a informações sobre o mercado e conexão com empresas que já atuavam nesse segmento há mais tempo em outros países. A parceria entre o N.OVO e o GFI completa 4 anos em 2021 e posso afirmar que é muito positivo poder contar com profissionais tão capacitados na expansão desse mercado tão promissor.”

Amanda Pinto,
fundadora do N.Ovo

Fazenda Futuro

“Minha missão é mudar a indústria de carnes e laticínios do Brasil, do uso de animais para o uso de plantas. O GFI Brasil me deu uma visão inestimável e me apresentou a empresas e fábricas nos EUA para que eu pudesse analisar como seus modelos poderiam ser adaptados e aplicados em meu país de origem. O Brasil está pronto para uma revolução profunda plant-based!”

Marcos Leta,
sócio-fundador da Fazenda Futuro.



O GFI foi peça fundamental no início da Fazenda Futuro, startup de alimentos de maior sucesso no Brasil. Nosso trabalho com os fundadores começou ajudando na decisão de abrir o negócio e apoiando todas as etapas do plano estratégico inicial. Escolhemos trabalhar com eles com base em seu projeto anterior de sucesso na área de bebidas premium, os Sucos Do Bem.

Após investimentos liderados pela BTG Pactual, Turin MFO e ENFINI Investments, Monashees e Go4it Capital, o valor da startup no mercado é de R\$715 milhões. Com uma linha que já conta com 5 produtos (hambúrguer, carne moída, almôndega, linguiça e frango) a empresa exporta para os Emirados Árabes, África do Sul, Chile, Uruguai, Paraguai, Colômbia, México, Austrália, Holanda, Alemanha, Portugal, Suécia e Reino Unido.

fazenda
futuroSM

JBS

Após a consultoria do GFI, dois lançamentos chegaram ao mercado em 2020. A JBS, por meio da linha Incrível Seara, lançou a isca de peixe e o pênfil desfiado.



“A colaboração do GFI tem sido muito importante para o Incrível Lab, hub de inovação da Seara e inédito no Brasil no segmento plant based. O know-how do GFI chancela as inovações desenvolvidas para a linha Incrível Seara. Para alcançar essa condição e assim antecipar tendências globais, a parceria com o GFI possibilitou uma imersão nesse mercado. O trabalho de análise de dados e relatórios de Scitech, o envolvimento da Seara em pesquisas no setor de proteínas alternativas e a conexão da marca com universidades, pesquisadores, cientistas e centros de tecnologia são alguns dos exemplos que nos ajudam na tomada de decisões. Vale destacar o apoio para fortalecer a presença da Seara junto aos mais diversos stakeholders focados em soluções plant-based.”

Rafael Palmer,
Diretor de Marketing de Industrializados para Mercado Interno da JBS.



Unilever

A Unilever trouxe para o Brasil a sua linha de produtos The Vegetarian Butcher, tornando o país o primeiro da América Latina a comercializá-los.

Programa Elo

Entendendo que os produtores rurais são parte fundamental da cadeia de produção de alimentos, criamos um programa para gerar mais uma fonte de renda no campo por meio da produção de ingredientes vegetais que são utilizados no mercado de proteínas alternativas. O foco é apoiar criadores de animais a entrar no mercado de proteínas alternativas, respeitando a vocação de suas propriedades e diversificando os produtos oferecidos pelos fazendeiros. Atualmente, estamos mapeando parceiros para implementar as cinco fases do programa: definição da cultura, formulação, instrumentação, treinamento e informação, e distribuição.

Atraindo Investidores

Além dessas iniciativas, o GFI foi a primeira organização a envolver investidores no setor, sabendo que os recursos financeiros seriam um fator muito importante para o sucesso geral dessas startups. Uma conquista significativa foi a nossa ajuda na formação do fundo ENFINI com o Grupo PWR, que investiu em empresas como Fazenda Futuro, Blue Nalu, Memphis Meats e outros. Também apoiamos muitas das startups mais relevantes do setor com assessoria, organização de PitchDays para investidores e varejo, conexão com o setor de investimento e muito mais, resultando no engajamento de mais de 35 grupos de investimento no setor de proteínas alternativas.

“O GFI nos oferece um valioso suporte em vários aspectos, inclusive dados de mercado de varejo e também food service. São inúmeras frentes de abordagem de trabalho que nos permitem conhecer o segmento, as oportunidades e nos prepararmos para atender às demandas e juntos continuarmos dando passos em direção a uma mudança real na alimentação. Nossa parceria é um excelente exemplo do poder da colaboração através da conexão de empresas e pessoas que possuem um propósito compartilhado.”

Camille Lau,
Gerente de Marketing
Regional da Unilever



THE
VEGETARIAN
BUTCHER™



Produção de Conhecimento

No GFI, acreditamos na produção de conhecimento e ampla distribuição de informações como poderosas ferramentas para avançar o crescimento do setor de proteínas como um todo. Por isso, firmamos parcerias com empresas e institutos de pesquisa para

melhor entender a indústria nacional, o consumidor brasileiro e como ajudar o mercado a desenvolver produtos que atendam às demandas existentes. Nos últimos anos, realizamos as seguintes publicações:

Pesquisa de consumidor: mercado de proteínas alternativas no Brasil

Primeira pesquisa a focar na relação do consumidor brasileiro com produtos de origem vegetal e investigar suas motivações, foi um panorama inicial do mercado nacional.



Guia para startups do The Good Food Institute

Resultado da nossa colaboração com o Insper, uma das escolas de negócios de maior destaque da América Latina. Essa adaptação foi feita especificamente para o mercado brasileiro, sendo um guia de acesso aberto para empresas que pensam em entrar no mercado de proteínas alternativas.

Indústria de Proteínas Alternativas 2020

Primeiro relatório a analisar a Indústria de Proteínas Alternativas no Brasil (IPA). O documento apresenta um panorama atualizado e mapeia os desafios e as oportunidades ainda não exploradas por toda a cadeia produtiva que podem levar o país a se tornar o líder global do setor. O relatório analisa, ainda, o comportamento do consumidor, apresenta os principais atores em atividade em empresas, no varejo e em restaurantes e o cenário de investimentos.





PROTEÍNAS ALTERNATIVAS
NO BRASIL:
UM ESTUDO DE NOMENCLATURA
SOBRE CARNES VEGETAIS E
CARNES CULTIVADAS

Chris Bryant e Felipe Krelling



Proteínas alternativas no Brasil: um estudo de nomenclatura sobre carnes vegetais e carnes cultivadas

Fruto de uma colaboração com a Universidade de Bath, no Reino Unido, essa pesquisa traz informações sobre a aceitação de termos referentes a proteínas alternativas pelo consumidor brasileiro para nortear decisões da indústria e seus futuros lançamentos.

O consumidor brasileiro e o mercado plant-based

Idealizada pelo GFI, implementada pelo IBOPE e patrocinada por 11 empresas do setor, essa é uma pesquisa de consumo focada na percepção e aceitação dos consumidores em relação ao mercado de proteínas alternativas no Brasil e detalha o crescimento do flexitarianismo no país.



O CONSUMIDOR
BRASILEIRO E O
MERCADO
PLANT-BASED



Além de publicações, também divulgamos conhecimentos através de seminários online, como o realizado em parceria com o BID Invest, maior fonte de financiamento para países da América Latina e Caribe, e seu laboratório de inovação. Esse webinar iniciou conversas com o objetivo de estabelecer uma parceria de longo prazo e também incluir proteínas alternativas como uma das oportunidades de financiamento na área da sustentabilidade da organização.



Engajando o futuro

Em pouco tempo de atuação, conseguimos alcançar resultados expressivos, ganhando a confiança dos atores da indústria e também dos consumidores. Ainda há trabalho a ser feito e explorado no setor de proteínas alternativas. As oportunidades são muitas, e isso nos motiva a seguir.

Mapa do Setor de Proteínas Alternativas

Estamos trabalhando atualmente na versão brasileira do [Mapa do Setor de Proteínas Alternativas](#). O mapa serve tanto como referência do atual ecossistema como incentivo para outras marcas se engajarem no setor. Até o momento, mais de 50 empresas já se envolveram.



**FORTALECENDO O ECOSISTEMA
DE PESQUISA EM PROTEÍNAS
ALTERNATIVAS.**

O Brasil possui um ecossistema científico robusto voltado para a pesquisa e desenvolvimento (P&D) de alimentos. Contamos com a EMBRAPA, uma importante instituição de pesquisa de reconhecimento mundial, além de inúmeras universidades federais, estaduais e institutos de pesquisas. Os estudos envolvem toda a cadeia de produção, desde a seleção e melhoramento genético de cultivares até a produção de ingredientes funcionais de alto grau de pureza. Há, portanto, profissionais e infraestrutura para o avanço das pesquisas no campo de proteínas alternativas. Como as tecnologias que permeiam o espectro de proteínas alternativas são amplas, complexas e envolvem diferentes áreas do conhecimento científico, é necessário mobilizar diversos profissionais de diferentes áreas da ciência para atuar em projetos desse setor.

Programa de Incentivo à Pesquisa

O edital anual do GFI financia estudos de alta qualidade que construirão a base científica das indústrias de carnes cultivadas, vegetais e derivados de fermentação no futuro. O programa, que já está em sua terceira edição, recebe submissão de propostas do mundo todo. Em 2020, o Brasil foi o segundo maior proponente, atrás apenas dos Estados Unidos. Das 34 propostas brasileiras, 3 pesquisas vindas da EMBRAPA e UNICAMP foram contempladas.

Desde seu início em 2018, o programa de incentivo à pesquisa do GFI concedeu mais de US \$7 milhões a projetos e subsidiou 37 pesquisadores e pesquisadoras em todo o mundo. Financiados inteiramente por um grupo de doadores e apoiadores filantrópicos, as pesquisas abrangem o campo de proteínas alternativas, desde o melhoramento de safras e formulação de produtos para carne vegetal ao desenvolvimento de linhagem celular e aumento de escala de bioprocessos para carne cultivada.

SAIBA MAIS

Globo Rural
Programa oferece bolsa de até R\$1,3 milhão para pesquisas sobre proteínas alternativas.

“Acreditamos que os incentivos de organizações como o GFI são fundamentais, não somente no aporte de recursos financeiros para auxiliarem na execução dos projetos, mas também no alinhamento entre os pilares ciência - setor produtivo - sociedade.”

Dra. Caroline Mellinger,
Pesquisadora da EMBRAPA.



“A importância do investimento em conhecimento científico está relacionada com a competitividade e inserção de produtos de valor agregado na cadeia comercial. Sem investimento, a ciência caminha devagar e não temos tempo para esperar”.

Dra. Ana Paula Dionisio
Pesquisadora da EMBRAPA.

“Boa parte da produção de mandioca no Brasil vem de pequenos produtores. Dessa forma, a motivação para o projeto vai além de avaliar a viabilidade de uma fonte proteica sustentável e tem também um papel social em ajudar os pequenos produtores rurais a aumentar sua rentabilidade.”

Dra. Ana Carla K. Sato,
Pesquisadora da UNICAMP.



“A primeira edição da disciplina foi uma experiência positiva marcante, em especial pela qualidade dos participantes, que trouxeram a visão da academia, da indústria de alimentos e de importantes institutos de pesquisa”.

Dra. Carla Molento,
professora da UFPR.



“Percebendo a motivação dos participantes e grande procura, o curso foi estendido (mais horas e dias de duração), criando mais espaços de troca de conhecimento, ideias, expectativas e visões. Tal como na primeira edição, além de nós, atuaram nas aulas (como professores/palestrantes convidados) diferentes atores que compõem o ecossistema da carne cultivada, de startups a especialistas em venture capital. A proposta do curso foi atender as expectativas de profissionais com diferentes formações e backgrounds; entendemos que essa perspectiva transdisciplinar será chave para a configuração da nova cadeia, formação de novos modelos de negócios e para trazer a carne cultivada ao consumidor nos próximos anos”.

Dr. Germano Glufke Reis,
professor da UFPR.



Ciência & Tecnologia online

A série de webinars **“Proteínas Alternativas: Ciência e Tecnologia”** apresentou assuntos atuais e de alta relevância para o desenvolvimento do setor de proteínas alternativas. Foram 6 webinários e mais de 20 rodas de conversa, com aproximadamente 2.500 participantes. Destes, 60% faziam parte da comunidade científica, 33% eram profissionais da área, e os demais eram empreendedores e profissionais ligados a instituições governamentais como MAPA e ANVISA.

Introdução à Zootecnia Celular

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) ofereceu em parceria com o GFI Brasil a primeira disciplina em um programa de pós-graduação com foco no cultivo de células para produção de carne. “Introduction to Cellular Animal Science” contou com a participação de 46 pessoas, entre estudantes, pesquisadores e profissionais do mercado, na disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias.

SAIBA MAIS

Marie Claire
Proteína alternativa: criada em laboratório, promete saúde para o corpo e o planeta

Diretório de Pesquisa Colaborativa

Organizamos um [diretório](#) para conectar pesquisadores da área de proteínas alternativas do mundo todo. A plataforma facilita que cientistas encontrem colaboradores com habilidades complementares para que juntos possam acelerar suas linhas de pesquisa e desenvolver soluções para os desafios de produção de proteínas alternativas. Até o presente momento, já temos mais de 100 pesquisadores e pesquisadoras cadastrados.

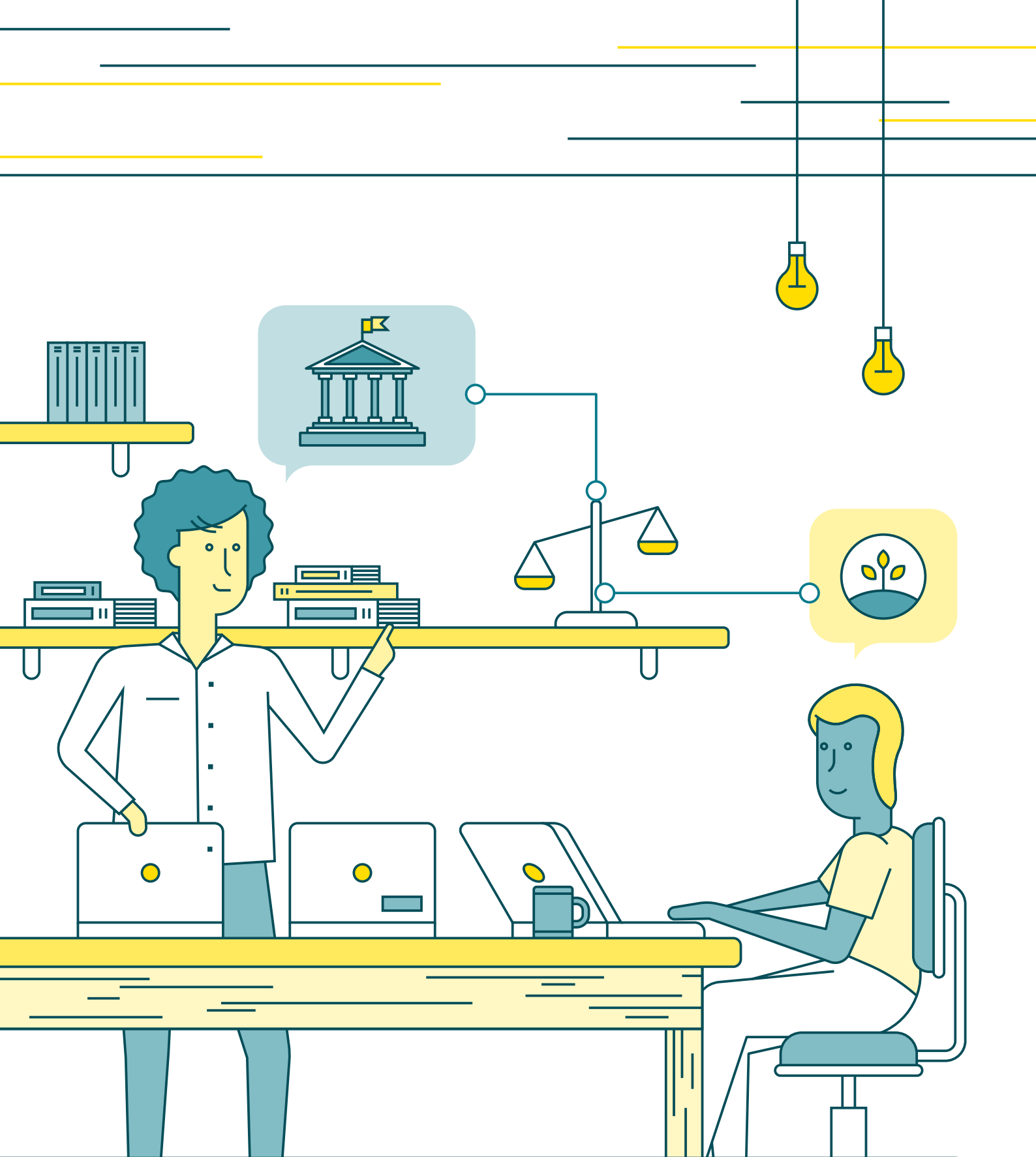
Parceria com a EMBRAPA

Desenvolvemos um largo conjunto de atividades ao longo de um ano com a EMBRAPA, a maior instituição de pesquisa agrícola do Brasil. O GFI organizou vários workshops para conectar a EMBRAPA ao setor de proteínas alternativas e apoiar suas pesquisas. Visitamos unidades em todo o país para obter apoio e engajamento na área, incluindo as unidades: Pecuária de Corte (Campo Grande - MS), Pecuária de Leite (Juiz de Fora - MG), Hortaliças (Brasília, DF), Agroindústria de Alimentos (Rio de Janeiro - RJ) e Agroindústria Tropical (Fortaleza - CE).

“Me senti honrada em fazer parte da primeira turma da disciplina e participar das discussões sobre novas tecnologias, mapeando possibilidades de inovar, desenvolver novos alimentos que garantirão a alimentação da população nos próximos anos. O cultivo da carne, área totalmente nova da ciência, abre um leque imenso de oportunidades para todos, mas certamente ainda tem um longo caminho a percorrer. Essa é a melhor parte: continuaremos trabalhando em conjunto, de forma colaborativa e com empatia, representando todos para encontrarmos uma solução”.

Anna Paula Viana Graziadio Pinto,
diretora R&D do grupo Mantiqueira





INICIANDO O ENGAJAMENTO NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

O GFI é reconhecido hoje como ponto focal por várias áreas do governo na discussão sobre proteínas alternativas. Essa legitimidade encontra respaldo na subscrição pelas principais empresas do setor ao [Manifesto de Apoio ao Setor de Proteínas Alternativas](#), que na “condição de instituição envolvida neste segmento” reconhecem “o importante papel cumprido pelo GFI Brasil em nosso país” e declaram “nosso interesse em acompanhar suas iniciativas, apoiando-as quando couber.

Acreditamos que esse é o momento oportuno para o desenvolvimento desse setor, que deve estar na agenda de todos os envolvidos: governo, empresas, instituições científicas e tecnológicas, produtores rurais e demais agentes ligados à alimentação.”

A partir destas credenciais, mantemos uma intensa e produtiva via de comunicação de mão dupla com os agentes do Poder Executivo responsáveis pela criação, gestão e fiscalização dos diferentes negócios do setor de proteínas alternativas. Acreditamos na necessária integração entre elementos das políticas agrícola, econômica, industrial, de meio-ambiente e de direito do consumidor. Por isso, mantemos uma intensa rede de relacionamentos com diversos ministérios.

No eixo de Ciência e Tecnologia, contribuimos diretamente com a agenda de bioeconomia do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI), onde somos colaboradores ativos. Participamos do projeto [ODBio](#) - Oportunidades e Desafios da Bioeconomia, colaborando no entendimento do setor de proteínas alternativas como uma das camadas de alto valor agregado da nova agenda da bioeconomia. Temos atividades em curso dentro do Programa de Cadeias Produtivas da Bioeconomia, com foco na superação das lacunas de pesquisa visando o aproveitamento econômico para a produção de ingredientes para o setor de proteínas alternativas da fração proteica em cadeias produtivas já existentes, hoje um subproduto na produção de alguns óleos vegetais.

Em outubro de 2019, Bruce Friedrich (diretor executivo global do GFI) e Gustavo Guadagnini (diretor executivo do GFI Brasil) foram os palestrantes principais na abertura da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, junto ao Ministro Marcos Pontes, representando a parceria entre o GFI e o MCTI.



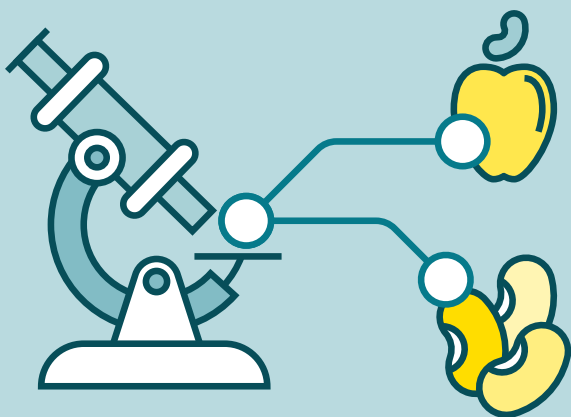
No âmbito da agricultura, a velocidade de crescimento do setor no Brasil levou à coexistência de uma agenda regulatória e uma de inovação, onde trabalhamos junto aos técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Na agenda regulatória, buscamos promover um ambiente de negócios sustentável, atrativo e competitivo, através de um marco regulatório pró-investimento e facilitador da inovação. Para isso, promovemos a revisão dos atuais marcos para contemplar os produtos feitos à base de plantas e ingredientes obtidos por fermentação. Hoje, estes ainda são regulados por normas pensadas para uma realidade que não previa o alto grau de inovação dos novos produtos. Promovemos também a construção de um marco regulatório para carne cultivada, como forma de estimular investimentos industriais nacionais e estrangeiros no país. Para que essas revisões sejam feitas de modo a garantir padrões altos de segurança do alimento, o GFI contratou junto ao ITAL um estudo regulatório específico para o mercado brasileiro, focando em cada uma das três tecnologias envolvidas.

Colaboramos ainda com a equipe de inovação aberta, refletindo sobre como estimular o setor de proteínas alternativas a ser identificado dentro das ações ambientais de foodtechs no país.

Além disso, mantemos longa e frutífera relação com a Embrapa desde a alta gestão até as unidades de pesquisa envolvidas com o setor de proteínas alternativas, tendo em curso o financiamento de dois projetos na instituição através do edital de apoio a projetos de pesquisa do GFI.

No eixo de política industrial, trabalhamos junto ao Ministério da Economia (ME) para a criação das classificações fiscais adequadas para os produtos de base vegetal hoje existentes no mercado, garantindo as bases para a gestão das alíquotas de tributos incidentes sobre estes produtos.

Junto ao Poder Legislativo, acompanhamos a agenda legislativa composta por projetos de lei relacionados ao setor. Hoje temos uma agenda reativa (projetos aos quais somos contrários à aprovação no formato em que foram propostos) e uma agenda de atenção (projetos que afetam indiretamente o setor). Esperamos em breve ter uma agenda proativa (projetos a favor do setor oriundos dos processos de revisão dos marcos regulatórios).



Marco Regulatório

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) deu os primeiros passos em direção à regulação de produtos vegetais. Em workshop realizado em dezembro de 2020 e organizado em parceria com a Embrapa, foram discutidos conceitos-chave e pesquisas em desenvolvimento no mercado de proteínas alternativas. Essa foi uma conversa inicial para abrir caminho para discussões mais aprofundadas, que sustentarão o debate sobre uma eventual revisão do marco regulatório atual, sustentando em dados científicos as demandas do conjunto de inovações trazidas ao mercado pelo setor de proteínas alternativas. O marco é um passo importante no suporte ao desenvolvimento da indústria pois define padrões do produto e do processo de fabricação visando a segurança dos consumidores.

Bioinovação e proteínas alternativas

Nos tornamos membros da [Associação Brasileira de Bioinovação \(ABBI\)](#), uma associação do setor com foco em bioeconomia avançada, hoje majoritariamente composta pelas empresas de biocombustíveis e química renovável. Nosso trabalho expandiu o escopo da ABBI para incluir a temática das proteínas alternativas, assunto tratado em reuniões mensais no Grupo de Trabalho de Proteínas Alternativas mantido pela entidade. Neste grupo de trabalho, atualmente formado por 30 empresas, é onde ocorrem debates e formação de consensos para a agenda do setor junto ao governo, seja no Legislativo, Executivo ou regulatório. A ABBI exerce também o papel de Secretaria Executiva da Frente Parlamentar da Bioeconomia, o que aproxima o Grupo de Trabalho de ações mais efetivas no âmbito do Poder Legislativo.

O GFI firmou [acordo de cooperação com o governo do Estado do Amazonas](#), a fim de fomentar a agenda da bioeconomia no estado como uma alternativa econômica sustentável do aproveitamento econômico das riquezas da biodiversidade da floresta. Temos ações em curso no sentido do aproveitamento econômico das cadeias de produção locais. Em um dos eventos da Frente Parlamentar, discutindo as possibilidades trazidas pelo setor de proteínas alternativas para a nova agenda de bioeconomia do bioma amazônico, tivemos a oportunidade de apresentar nossas ideias para o Vice-Presidente do Brasil, Gen. Hamilton Mourão, hoje Coordenador do Conselho Nacional da Amazônia Legal.

[Confira o webinar Amazônia: desafios e oportunidades da inovação.](#)

SAIBA MAIS

[Câmara dos Deputados](#)
[Hamilton Mourão quer apresentar proposta de desenvolvimento sustentável para a Amazônia](#)

SAIBA MAIS

[Globo Rural](#)
[Governo defende transparência e diálogo para definir regras ao mercado plant-based no Brasil](#)



JUNTE-SE À NÓS!

Todo o trabalho desenvolvido pelo GFI é oferecido gratuitamente à sociedade e só conseguimos realizá-lo pois contamos com o suporte de nossa família de doadores.

Atuamos de maneira a maximizar as doações de nossa comunidade de apoiadores, sempre buscando a maior eficiência na utilização dos recursos. Recentemente fomos reconhecidos, pelo quinto ano consecutivo, como uma das organizações mais eficientes do mundo em nosso setor e recebemos o selo de [Top Charity pelo Animal Charity Evaluators \(ACE\)](#).

Para obter essa certificação o GFI foi criteriosamente avaliado em aspectos como: utilização de recursos, efetividade de nossas ações para buscar nossos objetivos, espaço para mais doações, histórico e sustentabilidade financeira, planejamento de gastos, efetividade de gastos, cultura e liderança, estratégia e adaptabilidade.

O GFI também recebeu a certificação máxima de transparência do [GuideStar](#), considerado o maior banco de dados e informações sobre organizações sem fins lucrativos do mundo. O Selo Platinum foi concedido a um seleto grupo de organizações que demonstram abertamente informações sobre finanças, missão e impacto do trabalho desenvolvido. Das 2,8 milhões de organizações cadastradas, apenas 1% recebeu este selo.

Tais reconhecimentos refletem nossos esforços para garantir que nosso trabalho seja feito de maneira estratégica, eficiente e transparente. Anualmente, o GFI Brasil passa pelo processo de auditoria, onde todas nossas despesas são analisadas por uma consultoria externa.



“Sonhar com um novo sistema alimentar sustentável, acessível e ético faz meus olhos brilharem. E o GFI concretiza esse sonho em um conjunto articulado de estratégias e ações altamente eficazes que estão reescrevendo a história de como nos alimentamos. O foco na eficácia, a paixão por fazer acontecer e a visão sistêmica que o GFI aporta neste grande desafio alimentar das nossas vidas é o que distingue a organização e me faz acreditar continuamente em seu real poder de transformação e impacto”

Vinícius Picanço Rodrigues
Professor Assistente de Operações e Sustentabilidade do Insper.



“Estou muito motivado em trabalhar com o GFI . Nossos propósitos estão alinhados. Sabemos que as tecnologias emergentes devem promover fortes transformações nos setores de alimentação e no agronegócio, com impactantes implicações na indústria de proteína animal. O nosso projeto, denominado Projeto H, objetiva permitir que essas implicações sejam vistas com a lente das oportunidades, e dessa forma promovendo um impacto positivo para a sociedade. E, juntos, estamos trabalhando para tornar o GFI Brasil um exemplo de efetividade organizacional, assim potencializando o cumprimento de seu nobre propósito.”

Mário Antônio Porto Fonseca

autor do livro SuperFoco - Promovendo a Efetividade das Pessoas e das Organizações e Fellow Senior do ALI-Advanced Leadership Initiative da Harvard University



“É com grande satisfação e orgulho que TozziniFreire mantém parceria com The Good Food Institute desde 2018, quando nos unimos para sua formalização no Brasil. Movidos por nosso propósito de fazer do Direito uma ferramenta de inclusão, o GFI é um importante parceiro pro bono no fomento à sustentabilidade socioambiental, com impactos no meio ambiente, na mudança da cultura do consumo e nos diferentes setores da sociedade, entre os quais o empresarial. O potencial transformador do GFI ficou claro para nós desde o início e é, hoje, confirmado pela qualidade do trabalho realizado, o compromisso com a diversidade, a transparência, a qualidade absoluta e a inovação. Por isso, é uma alegria termos estreitado os laços ao longo dos anos, com diversas novas frentes de consulta e apoio jurídico pro bono. Comungando da mesma fome de impacto socioambiental, o GFI é, de fato, um parceiro de grande valia.”

Clara Serva,
Líder de Empresas & Direitos Humanos
e Coordenadora Pro Bono.



“O trabalho do GFI Brasil é muito importante porque uma das principais formas de reduzir o sofrimento dos animais explorados para a alimentação é através do surgimento de alternativas vegetais que se assemelham em sabor e aparência à carne, leite, ovos e produtos derivados. O GFI Brasil está sendo bem sucedido nessa missão e os resultados do seu trabalho estão aparecendo, já que empresas do setor alimentício estão promovendo lançamentos de versões vegetais de alimentos tradicionais.”

Marcel Fiorelli Fernandes
apoiador do GFI Brasil



Sustentabilidade e independência financeira

Atualmente, grande parte dos nossos recursos vêm de doadores internacionais, majoritariamente dos Estados Unidos. No entanto, buscamos construir nossa rede de apoiadores brasileiros para garantir nossa independência financeira.

Para saber como você pode fazer parte deste trabalho transformador, entre em contato com a Gerente de Desenvolvimento do GFI Brasil, Ana Carolina Rossetini - anar@gfi.org. Você também pode acessar o nosso site (gfi.org.br) e clicar no botão “FAÇA SUA DOAÇÃO” no canto superior direito da página.

Ajude a construir uma cadeia de alimentos mais segura, justa e sustentável.



GFI.ORG.BR

GFIBR@GFI.ORG



The Good Food Institute Brasil

Alexandre Cabral - Diretor de Políticas Públicas

Ana Carolina Rossettine - Gerente de Desenvolvimento

Cristiana Ambiel - Gerente de Ciência e Tecnologia

Felipe Krelling - Coordenador de Engajamento Corporativo até início de 2020

Gustavo Guadagnini - Diretor Executivo

Jaqueline Gusmão - Assistente Executiva

Karine Seibel - Gerente de Operações

Katherine de Matos - Diretora de Ciência e Tecnologia

Luciana Fontinelli - Especialista em Tecnologia de Alimentos

Mariana Bernal - Analista de Ciência e Tecnologia e Políticas Públicas

Raquel Casselli - Gerente de Engajamento Corporativo

Vinícius Gallon - Especialista de Comunicação

Redação

Bruna Corsatto

Diagramação e projeto gráfico

Estúdio desayuno

Ilustrações e iconografia

Cassio Abreu